

AS EPÍGRAFES E A ALEGRIA

José Benjamim de Lima

**“De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp!ro, não fantaseia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos desassossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto de especular ideia.”
(Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)”**

No poema *Não sei dançar*, do livro *Libertinagem*, um dos mais admiráveis poetas que já tivemos, Manuel Bandeira, escreve: “Uns tomam éter, outros cocaína. / Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria. / Tenho todos os motivos menos um de ser triste.”

Embora a moda atual pareça ser chamar para dançar, como desafio para desafetos, não me convidem para isso, pois, tal como o eu lírico do poeta, também não sei dançar. Igualmente, não figuro entre aqueles que já tomaram éter ou cocaína, mas, dentro do possível, procuro tomar alegria, apesar dos tantos motivos que nos direcionam, a todos nós, brasileiros, a tomar tristeza. Talvez o que de mais entristecedor exista, no momento, seja a percepção dolorosa de que nosso país caminha às tontas, em queda livre, mergulhado na mediocridade, na intolerância, na violência e na corrupção, sem líderes, sem programas, sem esperança, sem vergonha e sem perspectivas para as novas e futuras gerações.

Se Bandeira tinha apenas um motivo para não ser triste, também tenho o meu, apesar dos pesares. Uma das minhas maiores alegrias é a leitura, atividade que a ociosidade de aposentado possibilita amplamente. O poeta italiano Ungaretti escreveu que quando encontra no seu silêncio uma palavra é como se tivesse sido escavado um abismo em sua vida (“*Quando trovo/ in questo mio / silenzio/ una parola/ scavata è nella / mia vita / come un / abisso*”).

Pois eu, que não tenho o talento ungarettiano, procuro meus abismos em minhas leituras. E sempre com uma certa alegria, embora, muitas vezes, como a dele, seja uma alegria de naufrago.

Assim como a vida de cada um de nós não é feita apenas de momentos marcantes, é certo que os escritores, por melhores e mais geniais que sejam, não conseguem manter todo o tempo, em tudo o que escrevem, o mesmo grau de performance, tensão expressiva, beleza poética ou agudeza de pensamento. Não se consegue escavar abismos o tempo todo...

Um bom livro ou texto é geralmente uma combinação perfeita e inteligente de mensagens mais ou menos anódinas, temperadas, vez ou outra, com ditos fulgurantes. Estes, que sobressaem aqui, ali e acolá, sobre um fundo mais ou menos neutro, cintilam poderosamente. São estrelas luzindo, momentos admiráveis de epifania em que a qualidade poética ou estética, a tensão emotiva ou a agudeza de pensamento provocam nossa adesão intelectual, admiração e emoção. São palavras, frases, parágrafos, trechos, fragmentos de tanta beleza, inteligência, intensidade, criatividade, que adquirem certa autonomia, quando não se libertam totalmente do texto de origem e passam a ter vida própria. Muitos desses trechos iluminados, verdadeiros aforismos, circulam pelo mundo, memorizados, reproduzidos, transcritos, divulgados por aqueles que os leram. Integram-se a outros textos como citações ou epígrafes.

No Brasil, provavelmente, o nosso mais admirável demiurgo inventor de frases e trechos cintilantes seja Guimarães Rosa. Dentre as centenas de trechos luminosos que nos deixou, menciono alguns dos quais gosto especialmente: *Primeiras Estórias*: “Para o pobre, os lugares são mais longe”; *Grande Sertão: Veredas*: “Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias”; “Moço: toda saudade é uma espécie de velhice”; “Ah, a gente na velhice, carece de ter a sua aragem de descanso.”; “Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se

querendo o mal, por principiar.”; “Quem muito se evita, se convive.”; “O senhor ouvia, eu lhe dizia: o ruim com o ruim, terminam por as espinheiras se quebrar – Deus espera essa ganância. Moço!: Deus é paciência. O contrário é o diabo. Se gasteja. O senhor rela faca em faca – e afia – que se raspam.”; “Deus não se comparece com refe, não arrocha o regulamento. Pra quê? Deixa: bobo com bobo – um dia, algum estala e aprende: esperta. Só que às vezes, por mais auxiliar, Deus espalha, no meio, um pingado de pimenta...”.

Na literatura universal, excluída a Bíblia, o maior criador de maravilhas do pensamento e da emoção humanos em forma de palavras que se destacam pela sua força expressiva excepcional talvez seja Shakespeare. Suas peças de teatro são pontilhadas de frases inesquecíveis. Lembremos, entre centenas e centenas de outras: *Hamlet*: “Como as coisas andam fora dos eixos! Ó tarefa de irritar, ter nascido para pô-las no lugar.”; *Júlio César*: “A grandeza exorbita quando aparta da consciência o poder.”; *Rei Lear*: “Como os meninos maus fazem com as moscas, os deuses se divertem nos matando.”; *Ricardo II*: “Não guies quem já tem estrada; / Não gastes o fôlego, já quase nada.”; “Engasga-se quem sôfrego, abocanha; / A vaidade, que é corvo insaciável, / Depois de tudo o mais, come a si mesma.”; *Timon de Atenas*: “Pena o ouvido do homem, tão matreiro, / Ser surdo ao certo, não ao lisonjeiro.”; *Henrique III*: “A glória é como um círculo na água, / Que nunca deixa de aumentar, / Até que, por força de seu próprio crescimento, / Dispersa-se em nada.”

Desde há muitos anos, tenho o hábito de anotar frases e trechos destacados do que leio (aqueles que especialmente me seduzem pela beleza expressiva ou pela qualidade do pensamento) e procuro, sempre que pertinentes, utilizá-los como citações e epígrafes de meus escritos. Não se trata de exibir cultura e erudição (que não tenho), mas de compartilhar e divulgar momentos luminosos da expressão humana, tornando público meu respeito e admiração pelos seus autores, com a expectativa de que talvez

provoquem nos leitores os mesmos sentimentos, emoções e admiração que me proporcionaram, a mesma alegria de tê-los descoberto.

Ademais, a citação, seja em forma de epígrafe, seja incorporada a um texto, dialoga com este e reforça sua mensagem. Muitas vezes, o texto próprio funciona como comentário e expansão da epígrafe alheia; outras vezes, a epígrafe ou citação ilumina o texto próprio e possibilita, na cumplicidade e intertextualidade que nasce entre ambos, ora uma rica multiplicação dos sentidos de um e de outro, ora uma fusão integradora. E, quando o texto próprio não é bom, o leitor nunca sai no prejuízo: fica pelo menos com a citação ou epígrafe...

Nem todos gostam de epígrafes ou admitem sua funcionalidade expressiva para ilustrar outros textos e dialogar com eles. Para aqueles que assim pensam, a epígrafe seria mera exibição vaidosa, vontade de buscar a cumplicidade apadrinhadora de alguém consagrado, para valorizar o próprio texto. Uma espécie de rapto de prestígio... Não tenho este pensamento. Às vezes, de fato, a epígrafe soa artificial ou forçada, mas quando adequada, bem escolhida, não tenho dúvidas de que ajuda a enriquecer, clarear e iluminar qualquer texto que tenha um mínimo de qualidade.

Invocando uma das saborosas falas de Riobaldo, pode-se dizer que as epígrafes têm algo daquele pingado de pimenta que Deus espalha no meio do redemoinho humano, para ajudar-nos a suportar as agruras ou o sensabor da vida. (limajb48@gmail.com)